



Movimento

ISSN: 0104-754X

stigger@adufgrs.ufrgs.br

Escola de Educação Física

Brasil

Andrade Melo, Victor

Prática Esportiva, Cultura e Política - Diálogos Possíveis entre os Estudos do Esporte, os Estudos Africanos e os Estudos Pós-Coloniais

Movimento, vol. 17, núm. 2, abril-junio, 2011, pp. 155-173

Escola de Educação Física

Rio Grande do Sul, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115319252009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Prática esportiva, cultura e política - diálogos possíveis entre os estudos do esporte, os estudos africanos e os estudos pós-coloniais

*Victor Andrade Melo**

Resumo: Esse artigo objetiva discutir possíveis diálogos entre os estudos do esporte, os estudos africanos e os estudos pós-coloniais. O intuito é levantar possibilidades de investigação e chamar a atenção para novas temáticas. Ao final, conclui-se que considerar o debate apresentado parece ser uma interessante alternativa para preencher uma lacuna em nossa produção, para lançar novos olhares tanto sobre o esporte quanto sobre a África, bem como sobre a própria história brasileira, até mesmo sobre o que hoje chamamos imprecisamente e sempre cercada de polêmicas, de lusofonia.

Palavras-chave: Esportes. História do Século XX. África. Colonialismo. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Durante muitos anos, o esporte foi encarado como território alheio à política, considerado, de forma equivocada, como terreno do ingênuo, do frívolo, como um objeto de menor valor que não merecia a atenção de pesquisadores das ciências humanas e sociais (GIULIANOTTI, 2005). Esse quadro começa a mudar a partir dos anos 1960, com o crescimento da atenção às questões culturais, algo que teve impacto em várias áreas de conhecimento (CEVASCO, 2003; BURKE, 2005).

Num primeiro momento, a partir do diálogo com uma certa tradição do marxismo, proliferaram as denúncias ao caráter de alienação da prática esportiva, majoritariamente encarada como instrumento utilizado pelas agências de poder para alcance de seus fins de disciplinarização e controle (GIULIANOTTI, 2005). Vale lembrar que esse olhar estava presente também na produção de alguns teóricos ligados à Escola de Frankfurt (VAZ, 2007).

*Programa de Pós-Graduação em História Comparada/Instituto de História/Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ, Brasil . E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

É mesmo a partir dos anos 1980 que se tornaram mais matizadas as interpretações acerca do esporte, progressivamente considerado como fenômeno ambíguo e espaço de negociação entre o poder constituído e outros poderes cotidianos, entre o Estado e o conjunto da população.

A partir desse momento, destacam-se os estudos que discutem a mobilização do esporte em projetos políticos diversos, notadamente os de cariz autoritário. De uma maneira geral, dialogando com as propostas da Nova História Política (REMOND, 2003), cresce o número de investigações que procuram entender a prática na interface entre cultura e política.

Cresce também o interesse pela presença e papel do esporte no continente africano, inclusive em função das peculiaridades do tardio processo de construção da ideia de nação pelo qual passou grande parte dos seus países, que só conquistaram suas independências no pós 2ª Guerra Mundial (ILIFFE, 1999). Essa atenção também tem relação com o fato de que a prática esportiva tem se apresentado com um dos principais fóruns de projeção internacional positiva dessas jovens nações (GIULIANOTTI, 2010).

Dada a condição colonial que marcou profundamente a trajetória do continente, os estudos pós-coloniais, cujas origens se encontram nos anos 1950, mas que melhor se estruturaram nos anos 1980 (YOUNG, 2001) têm dedicado bastante atenção aos países africanos, ainda que a esses não se restrinjam.

Esse artigo tem por objetivo discutir possíveis diálogos entre os estudos do esporte, os estudos africanos e os estudos pós-coloniais, considerando que tal articulação pode contribuir para lançar novos olhares sobre os três temas envolvidos: a prática esportiva, a África, o cenário pós-colonial. Estou ciente que a principal potencialidade desse artigo não é esgotar a discussão, mas sim levantar possibilidades de investigação e chamar a atenção para novas temáticas¹.

¹Esse artigo foi produzido no âmbito do projeto "Esporte, colonialismo e pós-colonialismo em países africanos de língua oficial portuguesa", desenvolvido com recursos do CNPq e da Faperj.

2 ESTUDOS DO ESPORTE E ESTUDOS PÓS-COLONIAIS

Young (2001, p. 57) considera que o debate sobre o pós-colonialismo seria mais simples se ele fosse definido somente como um período que se segue ao colonialismo. Dada a complexidade da discussão, o autor elenca os diversos usos do termo:

[...] conceito que marca os grandes fatos históricos da descolonização e a busca determinada por soberania, mas também as realidades dos povos e nações emergentes em um novo contexto imperialista de dominação econômica e política.

especifica uma situação histórica transformada, a formação cultural que surgiu em resposta a uma mudança das circunstâncias políticas da antiga formação colonial.

pode ainda registrar a pressão resistente do mundo pós-colonial, demonstrando que não há 'condição pós-colonial' fora dos casos específicos de tensões de forças estruturais com a experiência pessoal e local.

Por fim: "Mais radicalmente, [...] denomina uma posição política e teórica que encarna conceitos ativos de intervenção dentro de circunstâncias opressivas.

Sanches (2005, p. 8), sem discordar de Young, enfatiza as provocações do pós-colonialismo para a produção de conhecimento:

A abordagem pós-colonial questiona as certezas epistemológicas disciplinares, a linearidade de um tempo histórico centrado no Ocidente, ao mesmo tempo que se apropria criativamente da sua teoria a fim de recuperar outras subjectividades e narrativas silenciadas pelo eurocentrismo, assinalando o papel central da violência colonial na constituição das totalidades que o pós-modernismo viria a questionar e a pós-colonialidade a interpretar de um modo alternativo.

Assim, o pós-colonialismo poderia ser entendido como uma:

[....] tentativa de questionar as fronteiras entre saberes, ao mesmo tempo que sugere a produtividade do recurso a ferramentas alheias propiciadoras de um novo modo de olhar os seus objectos clássicos. Mas esta deslocação só pode ser entendida adequadamente se se considerar tanto os diálogos transnacionais/globais como os contextos locais em que se desenvolveram (SANCHES, 2005, p.9).

A despeito da grande abertura para novos temas, a prática esportiva tem sido negligenciada pelos estudos pós-coloniais. Para Bale e Cronin (2003), trata-se de uma lacuna, até mesmo porque as intervenções no corpo (a eleição de um padrão externo e as decorrentes estratégias de disciplinamento) foram importantes na formulação de políticas coloniais. Como chama a atenção Bhabha (2005, p.145):

A construção do sujeito colonial no discurso e o exercício do poder colonial através do discurso exigem uma articulação das formas da diferença - racial e sexual. Tal articulação torna-se crucial se se considerar que o corpo está sempre simultaneamente (embora conflitualmente) inscrito tanto na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação, do poder.

Se tivermos em conta que o esporte é diretamente herdeiro das propostas atléticas europeias, especialmente das britânicas, podemos encará-lo como uma performance corporal que expressa algo das tensões coloniais.

Parece interessante, assim, considerar as sugestões de Bale e Cronin (2003) no que se refere às possíveis contribuições do pós-colonialismo para os estudos do esporte. Tendo em conta a necessidade de enfatizar a tensão das relações entre o colonizador e o colonizado, de providenciar leituras alternativas sobre as compreensões coloniais convencionais, de identificar resistências à colonização durante e após o período colonial e de demonstrar as

contradições e ambiguidades dos discursos coloniais, os autores sugerem que uma agenda de investigação deve incluir:

[...] o desvelamento da cumplicidade do esporte no processo de dominação colonial; a consideração das possibilidades e potencialidades do esporte como uma forma de resistência; o exame da natureza da representação do esporte no discurso colonial, incluindo uma interrogação das práticas dos autores, fotografias, gráficos e outras coisas envolvidas na representação colonial; a compreensão da ligação do esporte com as teorias metropolitanas e seus sistemas totalizantes de generalizações; e a valorização dos espaços ocupados e investidos com seus significados próprios, pelas práticas corporais-culturais colonial e pós-colonial (BALE; CRONIN, 2003, p.12).

Os autores sugerem ainda ter em conta cinco possíveis arranjos: a) práticas corporais locais que sobreviveram ao período colonial e não se transformaram em esporte; b) práticas corporais locais que foram esportivizadas; c) práticas corporais locais que se transformaram em variáveis de algum esporte internacional; d) esportes difundidos pelo colonizador; e) esportes introduzidos pelo colonizador, mas que foram apreendidos em arranjos específicos.

3 ESTUDOS DO ESPORTE E ESTUDOS AFRICANOS

Nas últimas décadas, entre os estudiosos da África é crescente o interesse pelo esporte, especialmente pelo futebol. Apesar disso, parece claro que ainda trata-se de uma produção limitada, até mesmo se considerarmos que, desde a década de 1960, o continente tem se destacado por seu envolvimento com a prática esportiva. Segundo Vidacs (2006, p. 344):

isso está relacionado em parte à deficiência dos estudos sobre o esporte e em parte pela ideia de pesquisadores que o esporte é algo trivial e seu estudo não pode contribuir para a solução dos graves problemas da África.

Bill Shankly, um dos mais celebrados personagens da história do velho esporte bretão, técnico da equipe do Liverpool na década de 1960, certa vez afirmou: "Algumas pessoas acreditam que futebol é questão de vida ou morte. Fico muito decepcionado com essa atitude. Posso garantir que futebol é muito, muito mais importante"². Mais do que uma frase de efeito, é inegável a importância da prática esportiva nas últimas décadas.

Nos dias de hoje, numa ordem mundial em que o sentido de nação parece difuso perante o poder das empresas multinacionais e em que as organizações políticas internacionais (como a ONU) se encontram fragilizadas, as competições esportivas se apresentam como um dos principais fóruns para se louvar e exaltar a ideia de pátria. Como lembra Hobsbawm (2007, p. 94), mesmo que a lógica transnacional e os interesses econômicos imperem também no âmbito do esporte:

[...] os imperativos não-econômicos da identidade nacional têm tido força suficiente para afirmar-se no contexto do jogo e mesmo para impor o torneio internacional de seleções, a Copa do Mundo, como o elemento principal e mais poderoso da presença econômica global do futebol.

Nos eventos esportivos, ainda que marcados por situações de desigualdade, mesmo os países menos conhecidos ou menos poderosos no tabuleiro mundial podem tornar-se mais ativos e mesmo surpreendentes: há sempre a possibilidade de uma vitória, ou de uma bela atuação, que será celebrada como uma conquista pela população local, que tem oportunidade assim de demonstrar sua lealdade à pátria, com o incentivo de dirigentes e da imprensa. As competições internacionais, assim, permitem uma performance pública de nação.

Além disso, e mesmo por isso, o esporte foi e continua sendo utilizado por regimes políticos e administrações governamentais tanto como estratégia para encaminhar propostas de intervenção social

²Para mais informações sobre Shankly, ver: <http://pt.fifa.com/worldfootball/news/newsid=1174559.html>. Acesso em: 25 set. 2010.

quanto como propaganda de uma suposta eficácia administrativa, para alguns até mesmo um reflexo dos "avanços do país". Por todas essas dimensões, muitos autores já argumentaram que há uma forte relação entre a prática esportiva e a construção de discursos acerca de uma identidade nacional (GIULIANOTTI, 2005; GUEDES, 2009).

Como lembra Baker (1987), em muitos países africanos, por pelo menos dois motivos o esporte parece ter ocupado um espaço ainda mais significativo na constituição da ideia de nação: a) devido à condição colonial havia menos elementos para a construção de um sentido de nacionalidade; b) a comum existência de várias etnias no cenário interno de cada país. Assim, "a existência da seleção nacional de futebol estabeleceu, em alguns casos pela primeira vez, uma identidade nacional independente das identidades locais, tribais ou religiosas" (HOBSBAWM, 2007, p.95).

Nesse aspecto em particular, há que se fazer uma ressalva. Para alguns autores, não necessariamente identidade étnica e identidade nacional rivalizaram. Vale ter em conta o alerta de Vidacs (2010, p. 38):

Baseada em minhas pesquisas sobre Camarões, acredito que sentimentos nacionais e étnicos podem coexistir e se relacionam de forma dialética. No entanto, há muito trabalho a ser feito, em diferentes países da África, para mapear variações no tema de formação de identidade através do esporte.

Uma das estratégias utilizadas para a consolidação de sentidos de nacionalidade é o forjar de heróis, uma representação de um ideal inspirador. Se em muitos países do continente africano esses inicialmente foram os envolvidos com os movimentos de independência, a eles logo se seguiram os atletas:

A partir dos anos 1970, atletas africanos tornaram-se símbolos de identidade nacional [...]. Eles eram altamente visíveis, e com a vantagem adicional de que sua fama apolítica não poderia ser contestada. Ainda mais que os heróis políticos, os atletas representavam um tipo de sucesso que estava

ostensivamente apresentado como de alcance a um grande número de jovens africanos (BAKER, 1987, p.273).

Esses novos heróis também foram importantes para uma projeção internacional das jovens nações. Como bem capta Giulianotti (1999, p.7):

[...] a longo prazo, a função mais importante do futebol e outros esportes na África está relacionada ao seu potencial como meio de comunicação entre culturas. Especificamente, a atenção global que é dada às estrelas esportivas, e a constante cobertura mediática dos atletas de elite, fornece uma ponte de mediação entre o mundo em desenvolvimento e países desenvolvidos.

Assim, o esporte providenciava às jovens nações africanas tanto elementos discursivos exógenos (reconhecimento internacional por um meio não "oficial", mas altamente visível) quanto endógenos (fatores de auto-identificação).

De qualquer maneira, há um importante debate sobre o significado da adoção (ou imposição, dependendo do ponto de vista) da prática esportiva no continente africano: estratégia de controle ou alternativa de resistência? Para Darby (2002, p.45) parece mais interessante: "[...] explicar o impacto da difusão do esporte na África em termos de um processo de mão dupla, ainda que desequilibrado, de troca, interpenetração e interpretação do que constitui a hegemonia cultural". Armstrong e Giulianotti (2004) também afirmam que se tratou tanto de colonização cultural quanto de ressignificação local.

Parece difícil negar que, no continente africano, o desenvolvimento do esporte esteve enquadrado por modelos coloniais. Ainda assim, devemos considerar que não só não houve sucesso total nessa intenção, como mesmo houve efeitos distintos:

É interessante considerar as capacidades das populações locais para absorver, modificar e adaptar as importações culturais, como o esporte, para atender suas próprias necessidades e valores [...]. Além disso, da mesma forma os esportes também

serviram como fórum de resistência contra a exploração econômica e cultural externa (DARBY, 2002, p.44).

Percebemos claramente essas dimensões nos países africanos de língua oficial portuguesa. No que se refere às tensões coloniais, notadamente em Angola, Moçambique e na Guiné-Bissau, é possível afirmar que, dada a sua capacidade de aglutinar, ao mesmo tempo em que permanecia menos suspeita por não pertencer ao grupo das óbvias atividades políticas, a prática esportiva ofereceu oportunidades de expressar discordâncias com o poder. Os líderes das lutas anticoloniais perceberam essa potencialidade, para além do óbvio gosto que nutriam pelo esporte³. Há três ocorrências que são bem ilustrativas⁴:

a) Os conflitos anticoloniais angolanos em boa parte emergiram de clubes esportivos; mais ainda, tais agremiações foram uma alternativa de luta na legalidade.

b) Em Lisboa, uma agremiação foi um dos principais espaços de preparação das lutas anticoloniais, o Clube Marítimo Africano, formado por marítimos angolanos e membros da Casa dos Estudantes do Império.

c) Uma das principais estratégias de mobilização utilizada por Amílcar Cabral na Guiné-Bissau foi o esporte. Hoje se sabe que a experiência que antecedeu a fundação do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (o PAIGC) foi a criação do Clube Desportivo e Recreativo de Bissau.

De qualquer forma, não devemos equivocadamente crer que o esporte carrega um dom imanente de estabelecer a contestação, da mesma forma que não o tem de instituir a alienação. Na análise do fenômeno é bom tomar alguns cuidados: a) perceber o quanto as agremiações esportivas foram mesmo utilizadas como alternativas

³Para mais informações, ver Melo, Bittencourt e Nascimento (2010)

⁴MELO, Victor Andrade de. Jogos de identidade: o esporte em Cabo Verde. Rio de Janeiro: Apicuri. No prelo.

políticas, prospectando com mais acuidade se determinadas posições contemporâneas não exacerbam essa compreensão por construir uma narrativa heróica sobre o passado; b) não desprezar o fato de que grande parte dos que se envolveram com a prática estava mesmo prioritariamente interessada na diversão ocasionada; c) considerar que mesmo para os tinham uma intencionalidade política clara, o aspecto do divertimento era também importante.

Impõe-se a necessidade de uma análise matizada, que fuja de somente encarar as ações ao redor do esporte a partir da perspectiva do controle, mas que também não caia no extremo de considerar qualquer gesto como indício de resistência: "Vale a pena especular sobre o alcance da afirmação de que uma linguagem corporal distinta reflete resistência. A afirmação de que o corpo esportivizado pode afastar-se de um padrão especializado é questionável" (BALE; CRONIN, 2003, p.5).

A posição de Vidacs (2010) merece atenção pela ponderação. De um lado, a autora faz coro com os que encaram o esporte, especialmente o futebol, como uma notável história de sucesso do colonialismo. De outro lado, é peremptória: "Seria em minha opinião um insulto a grande parte dos africanos retirar sua 'propriedade' sobre o jogo" (VIDACS, 2010, p.39). Ainda que assim pense, Vidacs faz questão de evitar otimismo exacerbados, sugerindo, inclusive, que as releituras da prática podem ser mais encontradas no passado do que nos dias de hoje, em função do quadro contextual internacional, marcado pela força dos meios de comunicação e dos interesses econômicos transnacionais.

O desafio, portanto, é entender que o esporte pode ter sido simultaneamente e de forma complexa adotado como estratégia de controle por parte do colonizador, significado adequação do nativo a um projeto colonial, ter sido ressignificado e/ou encarado como alternativa de resistência por parte do colonizado; um processo que, sobre outros parâmetros, segue sendo observado no cenário pós-colonial.

4 A ARTICULAÇÃO ENTRE ESTUDOS DO ESPORTE, ESTUDOS AFRICANOS E ESTUDOS PÓS-COLONIAIS: TRÊS TEMAS

Há três temas que parecem bem expressar a ambiguidade e a importância do esporte para os países africanos no cenário contemporâneo. Um deles é sua participação nas organizações esportivas internacionais, especialmente na poderosa FIFA.

Darby (2002, p. 41) critica o grau de representatividade concedido às nações da África nessa entidade. Para ele:

Análises empíricas podem demonstrar que o núcleo de membros europeus da FIFA tem tentado monopolizar o poder e recursos no mundo do jogo, procurando minimizar a presença ativa do Terceiro Mundo, restringindo a sua influência no centro das estruturas de tomada de decisão política do futebol mundial.

De outro lado, o mesmo autor demonstra que a FIFA é uma das organizações internacionais na qual os países africanos têm maior poder de atuação, sendo mesmo importantes na sua política interna. Isso se dá por alguns motivos: a) na entidade não há diferenças de status nas votações; cada associado tem igualmente um voto; b) os próprios interesses comerciais apontam o mercado africano como de potencial interesse; c) esse espaço de poder se constituiu em função de uma aliança: o brasileiro João Havelange foi eleito para a presidência em 1974, a primeira vez que um não europeu chegava ao cargo, para tal contando com os votos dos na época chamados países do terceiro mundo, especialmente dos africanos, que se tornaram parceiros fiéis do sul-americano, que por sua vez promoveu investimentos significativos para o desenvolvimento do futebol nesses países, usando para tal dinheiro da Coca Cola e da Adidas e estrategicamente jogando com as polarizações entre nações capitalistas e socialistas⁵, o que enfraquecia as ações dos associados

⁵Nos anos 1970, no contexto de busca de alinhamentos típico do período de Guerra Fria, um dos investimentos prioritários da extinta União Soviética nos países africanos se deu no âmbito do esporte (HAZAN, 1987).

européus à busca de manutenção do seu poder (DARBY, 2002; SUGDEN; TOMLISON, 2003).

Vale citar que um dos sucessos da relação entre Havelange e os associados da África se deveu a sua contundente posição contra o apartheid. A FIFA, antes do COI, se colocou como aliada nessa luta. De fato, o cenário esportivo foi um dos principais fóruns de combate ao regime sul-africano.

Um segundo tema que merece ser discutido é o fato de que em muitos países africanos se identifica um maior relacionamento com as equipes de futebol dos antigos colonizadores do que com os times locais. Para alguns autores isso deve ser considerado como clara manifestação de neocolonialismo⁶.

Parece haver um duplo esquema de vinculação: a seleção nacional mobiliza a população e cria laços identitários; as agremiações locais não tanto. Sem negar outros aspectos, como a influência dos meios de comunicação, talvez a explicação para tal ocorrência seja mais simples: quando o selecionado entra em campo, joga a nação; fora disso (ou para além disso), o público segue antigos costumes. Lembremos que um dos principais meios de propagação da afiliação a um clube ainda é familiar⁷.

Por fim, um terceiro tema importante: a migração de atletas. Bale (2004) informa que, em 2002, dos 311 atletas de 16 seleções da Copa da África, 193 jogavam na Europa (ou seja, 62%); as equipes de Camarões, Nigéria e Senegal eram quase integralmente formadas por jogadores que atuavam fora do país de origem. Em 1999 havia cerca de 890 africanos em clubes europeus. Portugal era um dos países que mais recebia futebolistas. Angola era o que mais enviava atletas, sendo que 93% para a antiga metrópole. Enquanto isso, o futebol da África não se desenvolve plenamente. O autor é

⁶Para mais informações sobre o conceito de neocolonialismo ver Young (2001).

⁷Para uma discussão sobre a importância dos vínculos pessoais e locais no estabelecimento de relações com os clubes de futebol ver Giulianotti (2002).

categorico: "A sistematização do recrutamento, migração e trabalho dos jogadores africanos de futebol pode ser vista como uma forma de neocolonialismo" (p.237)⁸.

Não há como negar as relações desiguais de poder entre os clubes europeus e os africanos: a "compra de matéria prima humana" pode certamente ser vista como uma ocorrência neocolonial. Isso obviamente traz prejuízos para o desenvolvimento do esporte local. De outro lado, uma parte desses jogadores, os que assumem o papel de heróis globais, contribui para colocar o nome dessas jovens nações no panteão internacional, gerando importantes elementos para a construção de discursos identitários.

A afirmação de Sugden e Tomlinson (2003) bem resume o debate. Para eles, a prática esportiva "pode ser encarada tanto como um símbolo de imperialismo econômico e cultural quanto como um fórum de resistência do terceiro mundo à dominação e hegemonia do primeiro mundo" (p.195).

5 À GUISA DE CONCLUSÃO

Parece possível concluir que se trata o esporte de um relevante objeto para que possamos, desde um olhar dos estudos pós-coloniais, investigar as articulações entre cultura e política nos mais diversos contextos históricos, inclusive no continente africano. Para o nosso país, há um interesse especial nesse tema.

No decorrer da história, múltiplos foram os relacionamentos entre o Brasil e os países africanos de língua oficial portuguesa, inclusive no âmbito do esporte. Apesar dessas ocorrências, como aponta Bittencourt (2003, p. 87) para o caso de Angola, o que certamente pode ser extrapolado para as outras nações lusófonas da África, compreender tais encontros nem sempre se estabeleceu como prioridade, sempre sofrendo "[...] as consequências do pouco interesse acadêmico brasileiro pela margem oposta do Atlântico" .

⁸Para mais informações ver Poli (2006).

A riqueza desses relacionamentos é algo que deve ser melhor entendido não só em função dos interesses ligados ao âmbito das relações internacionais⁹, mas também porque pode contribuir para ampliar o grau de entendimento sobre nossa própria trajetória:

O inventário das relações entre o Brasil e o continente africano é um capítulo ainda a ser escrito em nossas histórias. Pela natureza do processo, pelas lacunas deixadas, pelos traumas provocados em séculos de laços tão confusamente atados, o tema ainda hoje suscita paixões e mexe com sensibilidades muito acesas, o que, traduzindo a dificuldade da abordagem, confirma a urgência de algumas tentativas (CHAVES, 2005, p.275).

Há ainda outra motivação. Está para ser investigada com maior profundidade a peculiaridade do desenvolvimento do fenômeno esportivo nos territórios de colonização portuguesa. O fato é que mesmo que estivesse próximo do centro dos acontecimentos que marcaram a transição dos séculos XIX e XX, tanto do ponto de vista geográfico quanto do ponto de vista das relações historicamente estabelecidas (especialmente com a Inglaterra), a posição de Portugal era, e tem sido, nas palavras de Santos (1985), semiperiférica. Nesse sentido, vale a pena ter em conta a conclamação de Domingos (2006, p. 397):

Muitos dos princípios analíticos utilizados em estudos acerca do papel desempenhado pelo desporto em meio colonial, nomeadamente em trabalhos sobre as possessões francesas e britânicas, suscitam questões aplicáveis à análise do caso português. O benefício trazido pela comparação entre modelos nacionais não dispensa, porém, um escrutínio mais singular que remeta o objecto para o contexto particular das sociedades em estudo. A hipotética especificidade portuguesa deve ser

⁹Essa preocupação é clara, por exemplo, na ação das agências de fomento à pesquisa; no CNPq, com os editais Pró-África e CPLP, e na CAPES, com os editais de colaboração internacional.

estilhaçada em estudos sobre espaços de colonização concretos pela investigação das estruturas sociais locais, das dinâmicas regionais, dos padrões de desenvolvimento.

Considerar o debate aqui apresentado parece ser uma interessante alternativa para preencher uma lacuna em nossa produção, lançando novos olhares tanto sobre o esporte quanto sobre a África, bem como sobre a própria história brasileira, até mesmo sobre o que chamamos, imprecisamente e sempre cercado de polêmicas, de lusofonia (FREIXO, 2009).

Sporting practice, culture and policy - possible dialogues between sport studies, african studies and post-colonial studies

This article discusses possible dialogues between Sports Studies, African Studies and Postcolonial Studies. The aim is to raise possibilities for research and draw attention to new subjects. At the end, it is concluded that considering the discussion presented seems to be an interesting alternative to fill a gap in our production, casting new perspectives on the sport as much about Africa, as well as on the history of Brazil, even about what we call, loosely and always surrounded by controversy, lusophony.

Keywords: Sports. History 20th Century. Africa. Colonialism. Culture.

Práctica deportiva, cultura y política - diálogos posibles entre los estudios del deporte, los estudios africanos y los estudios postcoloniales

Resumen: Este artículo tiene por objetivo discutir posibles diálogos entre los estudios del deporte, los estudios africanos e los estudios postcoloniales. El intuito es levantar posibilidades de investigación y llamar la atención sobre nuevos temas. Al final, se concluye que considerar la discusión que se presenta parece ser una alternativa interesante para llenar un vacío en nuestra producción, para lanzar nuevas miradas tanto sobre el deporte cuanto sobre la África, así como sobre la propia historia brasileña, hasta sobre lo que hoy llamamos imprecisamente de lusofonia.

Palabras clave: Deportes. Historia del Siglo XX. África. Colonialismo. Cultura.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Gary; GIULIANOTTI, Richard. Drama, fields and metaphors: an introduction to football in Africa. In: ARMSTRONG, Gary; GIULIANOTTI, Richard (eds.). **Football in Africa: conflict, conciliation and community**. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p.1-26.

BAKER, William J. Political games: the meaning of international sport for independent Africa. In: BAKER, William J.; MANGAN, James A. (Eds.). **Sport in Africa: essays in social history**. New York: African Publishing, 1987. p.272-294.

BALE, John. Three geographies of African footballer migration: patterns, problems and postcoloniality. In: ARMSTRONG, Gary; GIULIANOTTI, Richard (eds.). **Football in Africa: conflict, conciliation and community**. New York: Palgrave Macmillan, 2004. p.229-246.

BALE, John; CRONIN, Mike. Introduction: sport and postcolonialism. In: BALE, John; CRONIN, Mike (eds.). **Sport and postcolonialism**. New York: Berg, 2003. p.1-14.

BHABHA, Homi K. A questão outra. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). **Deslocalizar a Europa: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade**. Lisboa: Livros Cotovia, 2005. p.143-167.

BITTENCOURT, Marcelo. As relações Angola-Brasil: referências e contatos. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia; SECCO, Carmen (orgs.). **Brasil-África: como se o mar fosse mentira**. Maputo: Imprensa Universitária, Universidade Eduardo Mondlane, 2003. p.79-110.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHAVES, Rita. O Brasil na cena literária dos países africanos de língua portuguesa. In: CHAVES, Rita (org.). **Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários**. São Paulo, Ateliê, 2005. p.275-286.

DARBY, Paul. **Africa, football and FIFA: politics, colonialism and resistance**. Londres: Frank Cass, 2002.

DOMINGOS, Nuno. Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano. **Análise Social**, Lisboa, v. 41, n.179, p.397-416, 2006.

FREIXO, Adriano de. **Minha pátria é a língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

GIULIANOTTI, Richard. **Sport and Social Development in Africa: Some Major Human Rights Issues**. Sidney, 1999. Disponível em: <http://www.ausport.gov.au/fulltext/1999/nsw/p18-25.pdf>. Acesso em: 05 fev.2010.

Movimento, Porto Alegre, v. 17, n. 02, p. 155-173, abr/jun de 2011.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GIULIANOTTI, Richard. **Sport**: a critical sociology. Cambridge: Polity, 2005.

GIULIANOTTI, Richard. Os estudos do esporte no continente africano. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (orgs.). **Mais do que um jogo**: o esporte no continente africano. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do Esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: UNESP, 2009. p.453-480.

HAZAN, Baruch A. Sport as an instrument of political expansion: the Soviet Union in Africa. In: BAKER, William J.; MANGAN, James. A. **Sport in África**: essays in social history. New York: African Publishing, 1987. p.250-271.

HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ILIFFE, John. **Os africanos**: história de um continente. Lisboa: Terramar. 1999.

MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto (orgs.). **Mais do que um jogo**: o esporte no continente africano. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

POLI, Rafaelle. Migrations and trade of African football players: historic, geographical and cultural aspects. **Afrika Spectrum**, Leibniz, v.41, n.3, p.393-414, 2006.

REMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SANCHES, Manuela Ribeiro. Introdução. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.). **Deslocalizar a Europa**: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade. Lisboa: Livros Cotovia, 2005. p.7-22.

SANTOS, Boaventura de Souza. Estado e sociedade na semiperiferia do sistema mundial: o caso português. **Análise Social**, Lisboa, v.21, n.87/89, p.869-901, 1985.

SUGDEN, John; TOMLISON, Alan. Football and FIFA in the postcolonial World. In: BALE, John; CRONIN, Mike (eds.). **Sport and postcolonialism**. New York: Berg, 2003. p.175-196.

VAZ, Alexandre Fernandez. Teoria Crítica do esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Esporte e Sociedade**, Niterói, v. 3, n.7, p.1-23, nov.2007/fev.2008.

VIDACS, Bea. Through the prism of sports: why should Africanists study sports? **Afrika Spectrum**, Leibniz, v.41, n.3, p.331-349, 2006.

VIDACS, Bea. O esporte e os estudos africanos. In: MELO, Victor Andrade de, BITTENCOURT, Marcelo, NASCIMENTO, Augusto (orgs.). **Mais do que um jogo: o esporte no continente africano**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

YOUNG, Robert J. C. **Postcolonialism: an historical introduction**. Oxford: Blackwell, 2001.

Financiamento: CNPq e FAPERJ

Endereço para correspondência:

Victor Andrade Melo

Endereço: Largo de São Francisco, n.1, sala 311

Centro - Rio de Janeiro - RJ,

Cep: 20051-070

E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

Recebido em: 25.11.2010

Aprovado em: 14.05.2011

